



Organizações & Sociedade

ISSN: 1413-585X

revistaoes@ufba.br

Universidade Federal da Bahia  
Brasil

Alcadipani, Rafael; Tureta, César  
TEORIA ATOR-REDE E ANÁLISE ORGANIZACIONAL: CONTRIBUIÇÕES E  
POSSIBILIDADES DE PESQUISA NO BRASIL  
Organizações & Sociedade, vol. 16, núm. 51, outubro-diciembre, 2009, pp. 647-664  
Universidade Federal da Bahia  
Salvador, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=400638319004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# TEORIA ATOR-REDE<sup>1</sup> E ANÁLISE ORGANIZACIONAL: CONTRIBUIÇÕES E POSSIBILIDADES DE PESQUISA NO BRASIL

Rafael Alcadipani\*  
César Tureta\*\*

## Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar a Teoria Ator-Rede como uma alternativa epistemológica para a condução de pesquisa organizacional no Brasil. Enquanto uma perspectiva pós-estruturalista, essa abordagem teoriza as organizações como o resultado momentâneo de processos e eventos que não obedecem a uma lógica semelhante. O foco está direcionado ao processo organizar ao invés de assumir organizações como entidades portadoras de diferentes sub-partes que trabalham para um objetivo comum ou como algo dotado de fronteiras claras e que possuem significativa estabilidade. O artigo apresenta os principais elementos dessa abordagem e destaca suas possibilidades para a compreensão de organizações em nosso país.

**Palavras-chave:** Teoria ator-rede. Pós-estruturalismo. Estudos organizacionais. Rede-de-atores. Organizar

Actor Network Theory and Organization Analysis: contributions and research possibilities in Brazil

## Abstract

This paper aims to discuss Actor Network Theory (ANT) as an epistemological alternative to conduct organizational studies in Brazil. Following a post-structuralist perspective, this approach theorises organization as outcomes of process and events that do not follow a similar or particular logics. Instead of assuming organizations as clear cut entities composed by different sub-systems that work towards a common aim, it attempts to addresses how they are the outcome of organizing process, not something that has clear-cut boundaries with considerable stability. The paper addresses the main aspects of ANT and attempts to highlight possibilities of its use to understand organizational phenomena in Brazil.

**Key words:** Actor-network theory. Post-structuralism. Organizations studies. Organizing. Power

<sup>1</sup> Embora alguns autores prefiram a designação em inglês (VIEIRA; CALDAS, 2006), optamos pelo uso da expressão em português, pois acreditamos que ela transmite essencialmente a idéia da perspectiva (ver PAIVA, 2004).

\* PhD em Administração pela Manchester Business School (MBS). Prof. da Escola de Administração de Empresas de São Paulo – EAESP/FGV. Endereço: Al. Lorena, n. 105/61, Jardins. São Paulo/SP. CEP: 01424-000 E-mail: rafael.alcadipani@fgv.br

\*\* Doutorando em Administração pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo – EAESP/FGV. Prof. da Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM/SP e do Centro Universitário FEI/SP. E-mail: cesartureta@gvmail.br

Antes de iniciar a pesquisa organizacional, deve ser escolhido em que esfera se pretende investigar: das pessoas, das organizações ou da sociedade. Organizações são entidades com fronteiras claras e delimitadas, formadas por sub-divisões que, em conjunto, trabalham para atingir objetivos comuns. São influenciadas pelo ambiente em que estão inseridas, não só técnico, mas fundamentalmente social. Estruturas ideológicas, classes sociais, a cultura brasileira e outros aspectos afetam as organizações. Organizações possuem uma identidade própria que, muitas vezes, molda a identidade de seus funcionários, uma cultura própria, mesmo que tendam a mimetizar umas às outras. Acredita-se que a mudança das organizações aconteça por meio de alguns eventos ou programas específicos, em geral, implementados por gestores. Objetos são considerados como artefatos culturais ou fetiches, ou seja, ganham significado devido à ação humana. Aliás, a ação humana é determinada por estruturas sociais; é influenciada por elas, ao mesmo tempo em que as influencia. Ao procurar entender o significado de organizações, são essas as conclusões a que chegaria qualquer um que se aventurasse a ler a maioria dos artigos publicados nos periódicos acadêmicos, que participasse de eventos científicos ou, até mesmo, que tivesse paciência de assistir a um curso ou ler um livro sobre metodologia de pesquisa organizacional no Brasil. A análise organizacional brasileira se desenvolveu e consolidou-se sob a égide das ciências da modernidade e, assim, continua a prosperar quantitativamente.

Por outro lado, o pós-estruturalismo tem influenciado, decididamente, muitas pesquisas nos estudos organizacionais, há duas décadas (ver COOPER; BURRELL, 1988; HASSARD; PARKER, 1993), muito embora sua utilização ainda seja restrita em nosso país (VIEIRA; CALDAS, 2006). Tal movimento desenvolveu novas formas de compreender o fenômeno organizacional, buscando alternativas epistemológicas de pesquisa que não assumam como certa a existência de estruturas sociais estáveis, nas quais os significados das entidades ganham universalidade (CALÁS; SMIRCICH, 1999); representam um caminho para apreender as organizações sem partir de generalizáveis concepções *a priori* (FOURNIER; GREY, 2000).

Neste sentido, por ser *ontologicamente relativista*, ao considerar que o mundo pode ser organizado de muitas formas diferentes, e *empiricamente realista* (LEE; HASSARD, 1999), a Teoria Ator-Rede (TAR), como exemplo de abordagem pós-estruturalista, vem sendo utilizada como uma perspectiva para investigar processos organizativos (veja BRASS *et al.*, 1998; GARAVAN *et al.*, 1998; KOCH, 2000; POELL *et al.*, 2000; ANDRADE, 2005). Ser ontologicamente relativista significa que, ao utilizar a TAR como método de pesquisa, não devemos assumir, *a priori*, uma estrutura/modelo de análise que defina o que/quais são as entidades ou elementos a serem observados no campo (LEE; HASSARD, 1999; LATOUR, 2005). Significa, ainda, não assumir a existência como dada, mas sim como algo que é construído por meio de práticas e relações. Por exemplo, nos estudos sobre poder nas organizações, deveríamos partir da interação entre os diversos atores para entender como associações entre vários elementos (humanos e não-humanos) se estabilizam, se reproduzem e superam resistências, gerando aquilo que chamamos de "poder" (LAW, 1992). Ou seja, o poder seria o resultado de uma rede de relações e não algo que se possui ou que é derivado de classe, gênero, cultura etc., sendo, portanto, passível de se definir antes da pesquisa iniciar. Como consequência desta ontologia, a TAR não estabelece para o pesquisador o que ele deveria descobrir (LEE; HASSARD, 1999).

Já seu caráter empiricamente realista está relacionado com a idéia de que é possível analisar redes de atores que desempenham práticas e processos, mesmo que, em um primeiro momento, seja difícil saber o que/quem faz as coisas acontecerem ou as pessoas agirem; "a presença do social precisa ser demonstrada recorrentemente" (LATOUR, 2005, p.53). Portanto, segundo Latour (1999a, p.19), "os atores sabem o que fazem e nós temos que aprender com eles não apenas o que eles fazem, mas como e por que fazem determinadas coisas". Seguir as circu-

lações por entre as redes de relações, que são traçadas pelos atores, permite que se alcancem mais do que meras definições de entidades e essências (LATOUR, 1999a), isto é, há uma maior ênfase nos processos do que numa visão estática e objetiva da realidade. A realidade, na visão de Mol (1999), não precede as práticas por meio das quais as pessoas interagem, mas é moldada por elas. É preciso, ainda, notar que a abordagem requer sempre a realização de estudos empíricos. Além do mais, essa abordagem diferencia-se das demais teorias organizacionais em função da inclusão dos elementos não-humanos na lista dos participantes organizacionais, bem como por colocar o processo organizar como foco fundamental da análise (CZARNIAWSKA, 1997; 2006).

O objetivo deste artigo é, portanto, apresentar as principais características da TAR, evidenciando seus possíveis desdobramentos para a análise das organizações no Brasil, enfatizando uma reflexão sobre o tema centro-periferia e organizações tradicionalmente brasileiras, como, por exemplo, as escolas de samba. Fundamentalmente, pretendemos mostrar uma visão alternativa sobre o fenômeno organizacional. Apesar de importante, a apreciação crítica da TAR não será foco do trabalho, pois mereceria uma discussão à parte, devido às diversas polêmicas que tal perspectiva suscita<sup>2</sup>.

Na primeira sessão, apresentaremos brevemente suas origens nos Estudos da Ciência e da Tecnologia, bem como os autores e correntes de pensamento que influenciaram no seu desenvolvimento. Em seguida, abordaremos seus principais conceitos e idéias, que representam uma maneira diferenciada de investigar a realidade, rompendo com alguns postulados tradicionais da sociologia. Na sequência, trataremos do seu desdobramento nos estudos organizacionais e faremos uma reflexão acerca de como essa abordagem poderia contribuir para a análise das organizações brasileiras. Por fim, elaboramos nossas conclusões.

### Origens da Teoria Ator-Rede (TAR)

A Teoria Ator-Rede desenvolveu-se inicialmente nos Estudos da Ciência e Tecnologia (e.g. BUTTON, 1993; EDGE, 1994; GRINT; WOOLGAR, 1997; MACKENZIE; WAJCMAN, 1999; PINCH; BIJKER, 1984, 1987; WILLIAMS; EDGE, 1996;), tendo como principais autores Bruno Latour, Michel Callon e John Law. Originalmente, ela se concretizou como uma alternativa às abordagens que privilegiavam somente o papel desempenhado isoladamente pelos humanos (e.g. BIJKER, 1995; GRINT; WOOLGAR, 1997; PINCH; BIJKER, 1984, 1987) ou pelos artefatos (WILLIAMS; EDGE, 1996), na compreensão do desenvolvimento e mudanças tecnológicas. Em contraste, Law (1992, 1999) ressalta que para a TAR não há razão para supor que objetos ou relações sociais sejam responsáveis por determinar os resultados de ordenações específicas<sup>3</sup> (e.g. sistemas de informação, tecnologias de gestão, artefatos tecnológicos etc), assim como um ao outro. Em instâncias particulares, as relações sociais podem determinar os objetos, enquanto em outras situações pode ocorrer o contrário (LAW, 1992). Na realidade, ordenações são o resultado de uma rede heterogênea de atores, tanto humanos quanto não-humanos, como desenvolveremos posteriormente.

A origem da TAR está vinculada aos trabalhos de Michel Serres, Algirdas Greimas, Isabel Stengers, Gabriel Tarde e Harold Garfinkel (veja LATOUR, 2005; McLEAN; QUATTRONE, 2006). Michel Foucault é considerado também uma fonte de

<sup>2</sup> Para maiores detalhes a respeito das críticas direcionadas à TAR, ver *Amsterdamska (1990), Castree (2002), Collins e Yearley (1992), Reed (1997) e Star (1991)*.

<sup>3</sup> Ordenação significa para a TAR o processo pela qual as coisas e relações sociais são construídas (LAW, 1997; LATOUR, 2005). Por exemplo, a descoberta e a aplicação de uma vacina é resultado de um longo processo de negociações, disputas e conflitos que acabam atingindo uma certa estabilidade. Um sistema de informação implementado em uma empresa, também, é o resultado de um processo semelhante, em que os mais diversos atores negociam, disputam e competem até que certa estabilidade seja atingida.

inspiração, muito embora os teóricos da TAR tenham tentado estabelecer claramente a diferença entre seus trabalhos e o de Foucault (LAW, 1992, 1994, 1999; MOL, 2002). Em geral, podemos mencionar a semiótica/ estruturalismo, a fenomenologia e a etnometodologia como suas principais influências (CALÁS; SMIRCICH, 1999).

O termo *Actor-Network Theory* surgiu na França como "*Acteur Reseau*" e foi, mais tarde, traduzido para o inglês, adquirindo sua forma mais conhecida e provocando tensões por ser intencionalmente, paradoxal, ou seja, inclui em um mesmo termo a representação do ator e da rede, denotando que, ao contrário de serem duais (ator/rede), os atores são, na verdade, efeitos das redes (LAW, 1999). Assim, buscava-se suprimir dualismos essencialistas e posições fixas como pressuposto analítico. Isso não significa dizer que não existam divisões, mas elas são entendidas como efeitos da associação de elementos heterogêneos (humanos e não-humanos) e não algo estabelecido *a priori* (1999, p.3). O contexto varia em cada caso empírico e depende das práticas e das redes de relações.

## A Teoria Ator-Rede

A TAR preconiza que as entidades<sup>4</sup> são constituídas e adquirem seus atributos por meio do conjunto de relações que estabelecem umas com as outras, existindo por meio dessas relações. Trata-se de uma aplicação radical da semiótica, podendo ser vista como uma semiótica da materialidade (LAW, 1999). Por exemplo, um gerente específico se constitui como tal por meio do conjunto de relações em que está inserido dentro da organização. Assim, ele é o resultado de uma estrutura hierárquica estabelecida, do acesso privilegiado na rede de computadores, do carro, do celular, do computador que a empresa fornece para o seu trabalho, do bônus que recebe, de sua avaliação de desempenho, de jogos políticos, da aceitação dos subordinados etc. Desta forma, uma dada entidade surgirá e permanecerá como tal enquanto as relações que a compõem não alterarem seu formato (LAW, 2000, 2002). Ou seja, ela é efeito de um arranjo estável ou rede de relação e somente existe dentro dessa rede (2000, 2002). Analogamente, alterações na rede que gera o gerente de nosso exemplo podem tanto construir um diretor quanto um desempregado.

A Teoria Ator-Rede é uma perspectiva de análise que não parte de suposições previamente definidas sobre os fatores social, econômico e técnico, pois um de seus pressupostos fundamentais é que não há qualquer tipo de definição rígida que possa ser aplicada em todas as situações. Neste sentido, Callon (1986) argumenta que a TAR tenta abandonar os conceitos tradicionais da sociologia, os quais são fundamentados em categorias sociais pré-estabelecidas e na rígida divisão entre social e natural. Na TAR, as entidades são, portanto, analisadas sem qualquer suposição sobre o que e/ou quem são (BUTTON, 1993).

Assim, a realidade não possui um *status* estável e definitivo, sendo composta por redes de materiais heterogêneas (humanos e não-humanos) que estão reunidas (LATOUR, 1991). O que é possível dizer é que uma cadeia de associações pode ser mais estável do que outras, muito embora seja sempre passível de mudanças em sua composição. A TAR, então, procura entender como algumas associações permanecem estáveis ou assumem uma posição dominante, enquanto outras falham ou não são bem sucedidas. De acordo com Latour (1992), para balançarmos nossa avaliação sobre a sociedade, precisamos voltar nossas atenções não apenas para os humanos, mas também incluir os não-humanos nas análises. Por exemplo, uma organização é composta de gerentes, faxineiras, cabos de rede, computadores, matérias primas etc. O que passa a idéia de estabilidade ou até mesmo identidade (e.g. Camorra ou Unilever) é a associação e a articulação de

<sup>4</sup> A expressão entidade é usada para evitar conotação que identifique humanos ou não-humanos como fundamentalmente distintos.

todas essas entidades, momentaneamente, em torno de um específico objetivo comum para aquele momento.

Na visão de Calás e Smircich (1999), a TAR procura investigar aquilo que nós geralmente temos como certo, e é fundamental evidenciar seus aspectos metodológicos (CALÁS; SMIRCICH, 1999): 1) agnosticismo do observador – todas as entidades humanas ou não-humanas e explicações racionais ou “místicas” devem ser levadas em consideração na análise, sem que nenhum ponto de vista seja privilegiado e nenhuma interpretação censurada; 2) simetria generalizada – o observador não deve alterar os registros quando se move dos aspectos técnicos para os aspectos sociais dos problemas estudados, isto é, as explicações precisam ser utilizadas da mesma forma para todos os elementos que compõem a rede; e 3) associação livre – o observador precisa abandonar todas as distinções, *a priori*, entre eventos naturais e sociais, pois não há uma fronteira definitiva que os separe claramente. As distinções são consideradas como resultados do processo de análise e não seu ponto de partida. O observador precisa seguir os atores para identificar a maneira como eles definem e associam os diferentes elementos, por meio dos quais os mesmos constroem e explicam o mundo (CALLON, 1986). Incorporar as suposições intrínsecas à TAR é, portanto, uma forma de percorrer de um lugar ao outro, de um campo ao outro, por meio de um método, mais do que uma teoria, de aprender a partir dos atores sem impor uma definição *a priori* de suas capacidades de construção (LATOUR, 1999a). Vale ressaltar que TAR é constituída por um vasto vocabulário próprio – mas não se resume a isso – e sua compreensão demanda o entendimento de seus conceitos básicos. No próximo tópico, faremos um esforço no sentido de apresentar algumas de suas principais noções.

### Simetria, rede de atores e agência

A simetria é um dos mais importantes princípios da TAR. A idéia central é que a mesma explicação deveria ser empregada para todos os elementos que compõem uma rede heterogênea, sejam forças naturais ou grupos sociais (LAW, 1987). Isto implica em considerar que não existem humanos dissociados de não-humanos e vice-versa. Ambos participam conjuntamente da rede heterogênea, não podendo ser separados em qualquer situação empírica. Desta forma, tanto os humanos quanto os não-humanos não existem sozinhos. Há diferentes híbridos em que seria difícil demarcar fronteiras. Por exemplo, um gerente não consegue fazer seu trabalho se não tiver acesso à rede de computadores da empresa, usar seu telefone celular, anotar suas idéias em um papel ou computador portátil ou, em alguns casos, se não tiver seu marca-passos funcionando corretamente. A própria figura “gerente” é o resultado da associação de um humano com esses materiais, uma vez que desempenhar tal função demanda a combinação de tais elementos (LAW, 1997; LAW; MOSER, 1999).

Embora outras abordagens, principalmente na antropologia do consumo, também reconheçam a influência dos não-humanos nas atividades cotidianas (ver APPADURAI, 2008), o que torna a TAR diferenciada é que ela não assume, *a priori*, uma supremacia dos humanos em relação aos não-humanos. Os humanos não são nem mais nem menos importante no plano analítico, já que estes elementos “se tornam ou fazem alguma coisa quando são combinados com outras coisas em sistemas ou redes” (PARKER, 1998, p.506). Além disso, pode ser visto como um desconhecimento histórico desconsiderar o papel dos não-humanos no desenvolvimento do processo produtivo. Ao trazer isso à tona, a TAR parece deixar tal esquecimento de lado.

Assim, uma vez que não-humanos são parte de nossas vidas e que somente é possível falar de atores dentro de redes heterogêneas compostas por humanos e não-humanos, torna-se difícil estudar as relações sociais e técnicas sem considerá-los. Law (1991, p.17) salienta que a linha divisora entre “aqueles objetos que nós nomeamos como pessoas e aqueles que nós chamamos de máquinas é variável, negociável, e nos informa sobre os direitos, obrigações, responsabili-

dades e falhas das pessoas tal como sobre máquinas". As fronteiras entre o que é humano e não-humano são muito tênues e transitórias, como o marca-passo do gerente mencionado pode nos mostrar. Os elementos humanos ou sociais não diferem, necessariamente, dos naturais e tecnológicos na constituição da rede; por conseguinte, precisamos tratar ambos (natural/social) a partir do mesmo vocabulário de análise (LAW, 1987). Cumpre ressaltar que a perspectiva da TAR não propõe que humanos e não-humanos sejam iguais, pois a idéia de simetria é uma ferramenta heurística utilizada para entender o papel contingencial exercido pelos atores dentro da rede-de-atores e não um princípio ético que nega os direitos e responsabilidades dos humanos (LAW, 1992).

O termo rede-de-ator procura não estabelecer uma separação entre o ator e a rede, pois em uma dada situação empírica, ambas as entidades são inseparáveis, uma vez que a atividade dos atores depende da rede tanto quanto a atividade da rede depende dos atores. Nesse sentido, qualquer análise sob a égide da TAR precisa levá-los em consideração (CALLON, 1987; LATOUR, 1999a; LAW, 1999). Para a TAR, atores são entidades que agem, que formam redes, que promovem mudanças no conjunto de elementos e conceitos habitualmente utilizados para descrever as coisas. Definem o espaço e sua organização, tamanhos e suas medidas, valores e padrões, fazendo com que outros elementos sejam dependentes deles, traduzindo seus desejos para sua própria linguagem.

Ademais, atores estabilizam-se "capturando" mais elementos duráveis e tornam-se mais fortes (e mais poderosos) quando conseguem se associar firmemente a um extenso número de elementos conectados. Um carro, uma bicicleta ou um mecânico são exemplos de atores que executam ações e são associados a uma grande quantidade de elementos ligados. O carro e a bicicleta são compostos por diferentes partes; um mecânico normalmente depende de ferramentas e de sua habilidade para manuseá-las ou conhecimento sobre a mecânica do carro. Cada um desses atores depende das redes e de outros atores para serem capazes de realizar uma ação. Uma bicicleta ou um carro, sem uma pessoa e sem rodas ou um caminho com mínimas condições, na maioria dos casos, são incapazes de se mover. Desta forma, os atores nunca estão sozinhos (CALLON; LATOUR, 1981; LATOUR, 2005), existem sempre conjuntamente com outras entidades ao fazer parte de uma rede de relações (LAW, 1992); não são simplesmente moldados pelas redes nas quais estão localizados, mas também influenciam os atores com os quais interagem – "vizinhos de fato moldam novos atores no momento em que eles entram na transação, mas eles são re-moldados pelas novas circunstâncias" (LAW; CALLON, 1992, p.26). Os atores são redes compostas por pessoas, máquinas, textos, dinheiro ou, em outras palavras, são constituídos por elementos heterogêneos (humanos e não-humanos), contingencialmente conectados (LAW, 1992).

Já a palavra "rede" significa uma série de transformações; a síntese de interações por meio de vários tipos de esquemas, inscrições e formas dentro de um *lócus* pontual (LATOUR, 1999a). De acordo com Callon (1987), as redes são compostas por um conjunto de elementos heterogêneos (animado e inanimado) que foram ligados uns aos outros por um período de tempo, não possuindo uma formação e uma composição fixa, estável e definitiva, visto que podem ser alteradas a qualquer momento. As redes são duráveis não apenas por causa da ligação entre seus elementos, mas porque cada entidade constitui uma rede em si, de modo que qualquer mudança nas entidades de uma rede-de-atores gera transformações na própria rede (CALLON, 1987).

A noção de rede-de-atores possui significativa influência na noção de agência, que é bastante específica na TAR. Latour (1999a) salienta que ações são propriedades de entidades associadas, e não apenas propriedade dos humanos. A definição tradicional de ações e atores não considera o papel desempenhado pelos não-humanos, pressupondo a ação como algo que os humanos fazem intencionalmente. Diferentemente dessa visão, para a TAR, qualquer entidade possui o potencial de agir e a ação é o resultado de um processo contínuo de translação, conexões e negociações (LATOUR, 1999a). Michael (1996) chega a uma conclusão

semelhante e cria o neologismo co(a)gência para designar entidades que são, concomitantemente, material e semiótica, inter-subjetiva e inter-objetiva, que geram ações. Por exemplo, a demissão de um funcionário em várias organizações depende de redes de avaliação de desempenho, de formulários, de direitos trabalhistas, sistemas de informação, jogos políticos, condições econômicas etc. Assim, para a TAR, a agência é uma propriedade emergente, derivada de arranjos de humanos e não-humanos, pois as entidades não existem sozinhas e os agentes são efeitos gerados em uma configuração de diferentes materiais, sendo sempre um produto relacional (CALLON; LAW, 1995; DE LAET; MOL, 1998; LAW; MOSER, 1999; LATOUR, 1999b).

### *Agência e estrutura*

Um dos principais debates nas ciências sociais gira em torno da questão de como e porque as estruturas sociais moldam as pessoas e a sociedade. A idéia geral é que as pessoas estão localizadas em micro espaços e são influenciadas e determinadas por macro estruturas ao mesmo tempo em que podem influenciá-las. Em função do termo "ator-rede", a abordagem da TAR reaviva, mesmo que não intencionalmente, o debate agência/estrutura. Todavia, de acordo com Latour (1999a), o problema da questão dos eternos debates sobre agência e estrutura está no fato de que os pesquisadores procuram no nível macro a origem dos fenômenos que estudam no nível micro. Por exemplo, determinado comportamento de um grupo em uma organização específica é explicado pelas classes sociais as quais pertencem, ou o comportamento de um indivíduo dentro de uma empresa em Mossoró, pela cultura brasileira. Porém, uma vez alcançado esse nível de análise, novamente uma lacuna é aberta e estes termos abstratos (classe, cultura etc) precisam ser reconectados. E isso ocorre com um movimento oposto em direção as situações locais, que haviam sido o ponto de partida. De volta ao nível micro, novas insatisfações emergirão e os pesquisadores serão levados mais uma vez ao nível das estruturas sociais, num movimento de ir e vir *ad infinitum* (LATOUR, 1999a) sem que nenhuma explicação convincente seja estabelecida.

Desta forma, macro e micro são assumidos como ponto de partida da análise. Diferentemente de tal visão, para a TAR, macro e micro são performados nas situações do dia-a-dia, são conseqüências da articulação das redes-de-atores. Por conseguinte, para essa perspectiva, não é possível dizer, a princípio, que a agência é determinada pela estrutura ou vice-versa. O foco é compreender como local e global, micro e macro são estabelecidos como resultado das redes de relações (LATOUR, 1999b) e não dados da realidade.

Ademais, Latour (2005) argumenta que aspectos como cultura nacional, classes sociais, relações de gênero e relações de poder não podem ser apontados como explicações para aquilo que acontece no nível de análise micro, mas sim o que precisa ser explicado. Ao colocar tais estruturas como referências, as análises acabam se reproduzindo de maneira padronizada para os diversos casos empíricos. Por exemplo, a noção de Imperialismo precisa ser investigada em termos das práticas que o geram de forma diversa em diferentes contextos, como ele é construído, e não como aquilo que explica tanto a invasão do Iraque quanto a inclusão exclusiva de periódicos em língua inglesa, classificados como internacional A no sistema Qualis-Capes, na área de administração. No que tange os estudos organizacionais, essa perspectiva não escolhe um nível privilegiado de análise (e.g. indivíduo, organização) que será pesquisado, mas sim procura compreender como as organizações são processualmente organizadas. O foco é no processo organizar, nas redes de ação, não em categorias previamente estabelecidas (CZARNIAWSKA, 1997).

## Translação, poder e ação à distância

A TAR é, também, conhecida como Sociologia da Translação. Translação é o processo pelo qual diferentes atores partilham um objetivo em comum e constroem uma rede de relações a fim de que tal objetivo seja alcançado. Como propõe Latour (1999b, p.356), "as cadeias de translação referem-se ao trabalho graças ao qual os atores modificam, deslocam e transladam seus vários e contraditórios interesses". Neste processo, um ator surge como o representante da rede (CALLON; LATOUR, 1981; CALLON, 1986). Para Callon (1986), translação é o mecanismo pelo qual os mundos social e natural, progressivamente, ganham forma. O resultado é uma situação em que certas entidades controlam outras. Law (1986) sugere que a translação é mais efetiva quando é capaz de antecipar as respostas e reações das entidades a serem transladadas, buscando um caminho fácil para superar resistências. O processo de translação pode ser entendido como composto por quatro diferentes momentos (problematização, interesse, envolvimento e mobilização de aliados), durante os quais é negociada a identidade<sup>5</sup> dos atores, suas possíveis interações e as margens de manobra (CALLON, 1986). Com base nessa noção, Latour (1987) discutiu como micro-organismos, laboratórios, conhecimento em biologia, Pasteur, fazendeiros e agências governamentais se articularam no sentido de produzir uma vacina contra o antraz bovino. Law (1986) discute a rede de relações estabelecida, formada por caravelas, conhecimentos sobre astrologia e posicionamento, marinheiros, navegadores etc. que possibilitou os portugueses chegarem até as Índias. Latour e Woolgar (1979) demonstram como diferentes entidades se articulam para gerar conhecimento científico.

A idéia de translação está intimamente relacionada com a noção de poder, considerando que tais relações (de poder) nada mais são do que a descrição da maneira como os atores se associam e são levados a permanecerem leais às alianças estabelecidas (CALLON, 1986). A TAR refere-se, essencialmente, a poder, ou, como argumenta Clegg (1989), é uma abordagem que analisa como relações de poder são construídas empiricamente. Para esta visão, o poder não é um conjunto de causas, mas sim um efeito. O paralelo com as proposições de Michael Foucault é evidente, mas não se limita a elas, pois evita a sincronicidade e descreve histórias empíricas sobre o processo de translação (LAW, 1999).

Segundo Latour (1986), o problema que cerca a questão do poder pode ser descrito como um paradoxo. Quando alguém ou alguma coisa apenas possui um poder potencial ou latente, nada acontece e a entidade está desprovida de poder; por outro lado, quando alguém ou alguma coisa exerce poder de fato, outros estão desempenhando a ação e não somente aquele que o exerce. A diferença entre o poder potencial e o poder de fato está nos "outros", uma vez que ele só pode ser explicado pela ação destes. Assim, o poder é sempre o efeito e não a causa; é consequência de uma atividade intensa de envolvimento, persuasão e alistamento. O poder não é possuído, mas produzido continuamente por meio de movimentos simples dentro das redes-de-atores, isto é, um efeito do processo de translação (LATOUR, 1986). Ele é, recursivamente, entrelaçado nas complexas relações que unem o social e o técnico, representando uma função da capacidade de reunir uma quantidade significativa de aliados em um ponto específico (LAW, 1986).

<sup>5</sup>Identidade e subjetividade são conceitos que nutrem uma relação muito próxima ao conceito de translação. A subjetividade é encarada como uma capacidade circular parcialmente adquirida ou perdida pelas conexões de certos tipos de corpos e práticas (LATOUR, 1999a). As subjetividades não são dadas, mas emergem em relações específicas e corporais; com isso, modos particulares de ordenação implicam modos particulares de subjetividade (LAW; MOSER, 1999). Já a identidade de um ator ou atuante deveria ser formalmente fixada aos atributos que ele apresenta quando entra na relação (BROWN; CAPDEVILLA, 1999), pois esta (identidade) é dependente das associações de um complexo arranjo de entidades que constituem as redes e a realidade em que o ator se encontra. Desta forma, a identidade é negociada e renegociada dentro das redes heterogêneas durante o processo de translação (MICHAEL, 1996; 1998). O processo de construção da identidade não é fixo nem final, visto que o papel e a identidade designada por uma entidade a outras pode mudar (MICHAEL, 1996).

A idéia de poder na perspectiva da TAR remete àquilo que os proponentes desta teoria chamam de “controle à distância”. Tal noção está relacionada com a forma com que relações de poder são estabelecidas entre pontos que estão geograficamente distantes. A idéia principal é que para que este tipo de controle seja estabelecido, é necessário que uma rede de relações esteja em funcionamento, e isso somente é possível por meio da acumulação de informações a respeito daquilo que se quer dominar. Trata-se de um processo lento e gradual que explica tanto o estabelecimento de impérios e colônias quanto a universalidade da ciência (LATOUR, 1987; LAW, 1986).

Latour (1986) discute que somente é possível compreender como os Portugueses foram capazes de atravessar o Atlântico e chegar até as Índias se for levado em consideração o processo gradual pelo qual eles conseguiram coletar informações sobre as dificuldades que encontrariam no Oceano. Desta forma, as diferentes missões, muitas delas fracassadas ao tentarem chegar às Índias, reuniram dados a respeito dos empecilhos que enfrentaram em seu trajeto. Tais informações eram trazidas para Portugal, onde eram analisadas e codificadas de tal forma que pudessem ser usadas pelas missões posteriores. Assim, cada missão subsequente sabia mais sobre os problemas que iriam enfrentar do que as missões anteriores, sendo capazes de ultrapassar os possíveis pontos de resistência de forma contínua e gradual. Tal processo depende do estabelecimento de móveis imutáveis que garantem que as informações compartilhadas obedeçam a uma lógica semelhante. Por exemplo, para um capitão de caravela é muito mais fácil acessar e trabalhar com informações sobre o Oceano na forma de um mapa do que de um diário de viagem escrito por outro navegante que passou pelo mesmo trajeto.

No que diz respeito à Ciência, Latour (1987) argumenta que acontece um processo similar, na medida em que conhecimento científico somente é gerado por um ciclo de acumulação de informações sobre o fenômeno de interesse. Ademais, os achados científicos mantêm a sua universalidade desde que as condições do laboratório sejam parcialmente mantidas no local de destino dos fatos científicos.

Na próxima sessão, abordaremos os potenciais do uso da TAR para a análise das organizações em nosso país.

### *Desdobramentos da TAR nos Estudos Organizacionais*

No campo dos estudos organizacionais, a TAR vem conquistando espaço e representando uma perspectiva analítica alternativa para a compreensão das organizações. Lowe (2001) argumenta que a TAR proporciona um modo de entender como as organizações funcionam, sem precisar empregar os imperativos da agência humana ou estrutural como instrumentos de explicação. Essa abordagem representa, assim, uma poderosa ferramenta capaz de revelar o “mistério” das redes heterogêneas que compõem as organizações e seus diferentes aspectos, promovendo maior abertura para análises e críticas<sup>6</sup>. Sua utilização, nesse campo, sinaliza uma mudança de foco: de uma ênfase nas organizações formal-funcional para o estudo das práticas e processos de organizar. Na verdade, a TAR deixa claro que as organizações não explicam fenômenos, são elas que precisam ser explicadas em maiores detalhes (CZARNIAWSKA, 2006).

Investigar o processo de organizar para essa perspectiva é analisar de que forma, como e por quais meios é estabelecida, desempenhada e estabilizada de maneira múltipla uma entidade complexa como é a organização, composta por humanos e não-humanos (BLOOMFIELD; VURDUBAKIS, 1999). Neste sentido, uma organização é compreendida pela TAR como o precário resultado e a consequência

<sup>6</sup> Para uma discussão mais ampla sobre possíveis utilizações da TAR em análises críticas nos Estudos Organizacionais, ver Alcadipani e Tureta (2009).

de um constante processo de organizar, por meio do qual ela atinge certa estabilidade momentânea (LAW, 1992). Tal processo de organização envolve a associação de elementos tanto de “dentro” quanto de “fora” da organização, como, por exemplo, modelos gerenciais de empresas de consultoria, sistemas de informação que integram fornecedores e clientes, funcionários de empresas subcontratadas que trabalham na linha de produção de uma grande montadora de automóveis, a legislação trabalhista de um país, os sindicatos etc. Não existe uma organização dotada de fronteiras claras dentro da qual o processo organizativo ocorre de forma harmônica para um objetivo comum. Pelo contrário, uma organização é algo extremamente complexo e multifacetado, sendo o resultado de diferentes e heterogêneos processos que, muitas vezes, não possuem coerência entre si, embora preservem alguma identidade em comum. Assim, uma mesma organização pode ser organizada de inúmeras formas ao mesmo tempo, sendo que algumas vezes estas formas coincidem enquanto em outras disputam e competem. Suas fronteiras não são claramente delimitadas, mas são fluídas.

A idéia de que uma organização é o resultado de articulações e relações que a produzem, a cada momento, não conflita com a idéia de que organizações realizam planejamento estratégico ou que elas possuem objetivos perenes como, por exemplo, lucro. A possibilidade de um planejamento estratégico de longo prazo e, também, de que o lucro seja auferido continuamente requer que a organização seja, de forma constante desempenhada, feita e refeita em cada relação. Cada vez que um produto é vendido, cada vez que uma reunião de planejamento estratégico é feita, o lucro e o planejamento são produzidos. Tais relações que produzem lucro, por exemplo, são sempre específicas, pois se analisarmos na minúcia uma venda de supermercado é dependente de elementos heterogêneos, alguns que são similares (ex.: o prédio), mas outros que variam (ex.: o consumidor). Mesmo o prédio do supermercado, a cada dia ele precisa ter coisas diferentes (ex.: o lixo precisa ser jogado fora, as gôndulas precisam ser reabastecidas, uma lâmpada quando está queimada precisa ser repostada etc) para poder continuar a existir. Além disso, a definição de objetivos organizacionais vai depender de cada organização especificamente, bem como os atores relevantes para tais definições também dependerão de cada caso empírico.

No contexto brasileiro, a TAR tem encontrado adeptos. Por exemplo, Andrade (2005) analisa a rede de formação de políticas públicas, procurando identificar como os atores materializam suas proposições na tentativa de criar uma estratégia de política pública que seja capaz de erradicar o trabalho infantil no Brasil. Santos (2005) discute alguns pressupostos da TAR, evidenciando suas contribuições para o estudo do alinhamento estratégico entre Negócio e Tecnologia de Informação. Tureta, Rosa e Santos (2006) procuram estabelecer uma conversa entre as perspectivas da Estratégia como Prática Social e a TAR, na tentativa de oferecer uma ótica de análise diferenciada, que propicie entender a estratégia como uma rede heterogênea (re)construída nas práticas sociais que subsistem nas organizações. Alcadipani e Tureta (2009) discutem a idéia de que, os novos desenvolvimentos da TAR superaram algumas de suas limitações, gerando potencial para que a abordagem contribua com os Estudos Críticos em Administração. Paiva (2004) desenvolve um estudo sobre a Fábrica Nacional de Motores (FNM), reconstituindo sua trajetória a partir de suas realizações positivas que, geralmente, são vistas como insignificantes e inconvenientes. O autor discute que o fracasso da FNM não deve ser encarado de maneira simplista, mas, sim, como algo repleto de multiplicidades.

Dentre as diferentes possibilidades de estudos sob a égide da TAR para analisar o fenômeno organizacional no Brasil, uma opção seria investigar organizações não como existentes de forma independentes e dotadas de fronteiras claras, que podem ser estudadas em diferentes níveis de análise definidos antes da pesquisa começar – postura adotada pela grande maioria das pesquisas na área de organizações em nosso país – mas, sim, como entidades que são resultados de estabilizações frágeis de múltiplos processos e fluxos, cujas fronteiras não

são claras e cujos níveis de análise não existem a princípio. Desta forma, essa perspectiva pode auxiliar ao apresentar o fenômeno organizacional como único, incerto e complexo, trazendo o que há de específico, de singular em cada organização que analisa, ao invés de impor padrões e moldes teóricos pré-estabelecidos (LAW, 2004), os quais acabam por construir organizações como estruturas rígidas e semelhantes. Pela ótica da TAR, cada organização é dinamicamente única e específica e somente pode ser entendida empiricamente em cada circunstância particular. Isto significa dizer, por exemplo, que a mesma organização em São Paulo, em Belém do Pará, em Manaus, no centro ou na periferia de Salvador é, essencialmente, diferente, embora preserve alguma similaridade. Assim, a TAR destaca como as organizações se mantêm pela repetição por meio da diferença (MCLEAN; QUATTRONE, 2006) de práticas organizativas que nunca são universais, são sempre específicas.

Ao mostrar o ordenamento não como consequência de estruturas sociais, nem como algo realizado exclusivamente por humanos, a TAR pode contribuir, ainda, na compreensão do papel desempenhado por não-humanos no processo de organizar, destacando como os não-humanos (e.g. ferramentas de gestão, redes de computadores, sistemas de informação etc) são partes constituintes das organizações e desempenham um papel fundamental nos processos organizativos. Por exemplo, um sistema de avaliação de desempenho é o resultado da estabilização parcial de formulários preenchidos, programas de computadores, aplicação de métricas estatísticas, entrevistas, gerentes etc.

Além do mais, seria interessante o uso deste método para pesquisas em organizações tradicionalmente brasileiras, como, por exemplo, uma escola de samba. As práticas organizativas da produção do desfile dessas escolas são extremamente complexas e repletas de controvérsias. Envolvem não apenas elementos sociais, mas também materiais, já que o desfile na avenida é o resultado de uma rede heterogênea composta tanto por humanos (carnavalesco, diretor de harmonia, mestre-sala e porta-bandeira, passistas, componentes da bateria, ferreiros, marceneiros, costureiras etc.) e não-humanos (carros alegóricos, fantasias, instrumentos musicais da bateria, critérios de julgamento, carro de som etc.) (ver GOLDWASSER, 1975; VALENÇA, 1996; BLASS, 2007; CAVALCANTI, 2008). São as associações destes elementos que, ao longo do ano, constroem “aquilo” que é transmitido pela TV no dia do desfile. Em adição, as fronteiras que definem onde termina a organização Escola de Samba e começa a comunidade na qual ela está inserida é muito tênue, talvez nem exista; por isso, seria um objeto de investigação interessante para os Estudos Organizacionais a partir da perspectiva da TAR. O papel desempenhado pelo carnavalesco, também, poderia ser uma linha de investigação, com intuito de analisar como o processo de translação se desdobra nas frequentes tensões e controvérsias entre o carnavalesco e os chefes das alas durante a definição de como serão as fantasias, os materiais a serem usados no processo de fabricação das mesmas etc. Como destaca Cavalcanti (2008), por um lado, o carnavalesco está preocupado com o efeito visual e a harmonia estética do conjunto das fantasias, mas, por outro, os chefes das alas se preocupam com o custo da fantasia, pois depende do recurso disponível na ala para iniciar a produção em série. Além do mais, o carnavalesco é responsável pela definição do tema e elaboração do enredo que, durante a produção do desfile, pode ser considerado como Ponto de Passagem Obrigatório para as atividades que são realizadas nos diversos setores que compõem uma escola.

Um tema recorrente em jornais, revistas e no senso comum, a respeito do carnaval e das escolas de samba, diz respeito ao que ficou conhecido como “processo de mercantilização do carnaval”, que seria supostamente responsável por uma série de mudanças pelas quais as escolas de samba passaram nos últimos anos. Esse processo, na verdade, explica muito menos tais transformações e muito mais o que precisa ser explicado. Como é possível observar nos trabalhos de Goldwasser (1975) e Cavalcanti (2008), a “mercantilização” é consequência da associação de novos atores na rede das escolas, como, por exemplo, a criação

das Ligas das Escolas, o maior interesse da classe média no desfile, a transmissão em rede nacional do evento na avenida, a profissionalização da figura do carnavalesco, a inserção da indústria fonográfica para a compilação e gravação dos samba-enredos e produção dos CD's para divulgação e venda, dentre outros.

Outra possibilidade do emprego da perspectiva na área de organizações refere-se ao debate sobre centro-periferia e seu reflexo para as pesquisas em organizações no Brasil. Atualmente, essa temática tem sido foco de discussões no meio acadêmico (e.g. CALDAS, 1997; PRESTES MOTTA, BRESLER; ALCADIPANI, 2001; CARVALHO; GOULART; AMANTINO-DE-ANDRADE, 2005; CALDAS; ALCADIPANI, 2006; VIEIRA, 2006; MISOCZKY, 2006) e, também, na América Latina como um todo (e.g. IBARRA-COLADO, 2006). A TAR pode contribuir significativamente com esta problematização, na medida em que discute como o estabelecimento de centros e periferias é um processo relacional permeado por inúmeras especificidades, portanto, somente pode ser analisado de forma empírica. Isto não significa dizer que o conhecimento produzido em um caso particular não possa contribuir para investigações futuras. Mas, como destacam Mol e Law (2002), ele pode representar um meio instrutivo para além de sua situação específica, na medida em que as similaridades e diferenças, apreendidas a partir de suas lições, sejam experimentadas e investigadas em outras situações e não tomadas como certas, instigando o questionamento sobre quais são estas similaridades e diferenças quando nos movemos de um lugar para outro.

Segundo Law (1986), o controle à distância depende da criação de uma rede de agentes passivos, sejam eles humanos ou não-humanos, possibilitando a circulação de emissários (documentos, planos, pessoas treinadas etc.) do centro para a periferia e vice versa, de maneira tal que sua durabilidade e eficácia se mantenham ao mesmo tempo em que constituem o que é central e o que é periférico. O controle à distância só é possível de ser exercido pelo estabelecimento de textos de variadas naturezas, máquinas, informações padronizadas, objetos, pessoas etc. que circulem entre os dois pólos (LAW, 1986). Assim, livros e textos traduzidos, jogos de simulação de negócios, ferramentas de estudo de casos da Harvard (IBARRA-COLADO, 2006), políticas públicas, financiamentos, escolas de gestão (CALDAS; ALCADIPANI, 2006), dentre outros instrumentos, estabelecem algumas regiões como centrais e outras como periféricas. Law (2004) discute como pesquisas acadêmicas auxiliam a dar crédito e suporte à existência daquilo que analisam. Desta maneira, os próprios discursos que denunciam a subordinação da academia nacional à academia estrangeira contribuem na construção do centro, já que o enunciam enquanto tal.

Assim, a TAR coloca em evidência a necessidade de que sejam realizadas pesquisas empíricas sobre como essas relações são desempenhadas cotidianamente, ao invés de se produzir e reproduzir um discurso de suposta denúncia repleto de chavões e senso comum que partem de perguntas auto-respondidas. Por exemplo, poderiam ser conduzidas pesquisas em empresas multinacionais na tentativa de perceber quais práticas e como ferramentas específicas de gestão produzem centros e periferias (e.g. avaliações de desempenho, expatriações etc). Ou, então, procurar entender quais as lógicas específicas em organizações não tradicionais e até que ponto estas estabelecem centros e periferias de forma diferente. Por exemplo, organizações comunitárias em favelas, cooperativas auto-gestionárias e movimentos populares oferecem múltiplas formas de organizar, diferentes dos negócios tradicionais. Por outro lado, a pura romantização de tais alternativas com a conseqüente demonização das formas tradicionais é um mero exercício de se impor à realidade aquilo que se quer afirmar e não apreender pelo ponto de vista dos atores (LATOURETTE, 2005). Outra opção seria analisar como a idéia de centro-periferia se dá em organizações tipicamente brasileiras, em que há a possibilidade de se construir o Brasil como centro e outros países como periferia. Por exemplo, empresas como Embraer e Natura estão se internacionalizando e abrindo fábricas em outros países. A Petrobrás possui unidades em outros países e já esteve envolvida em disputas sobre a emissão de seus dividendos. Ou seja, organizações brasileiras oferecem um contra-ponto interessante neste debate, e investigações empíricas podem ser bastante úteis para desvendar faces desses processos.

Ao considerar os elementos humanos e não-humanos que envolvem a rede de relações que constroem e produzem centro e periferia, percebemos que muito mais do que uma definição *a priori*, esse rótulo (periferia) é o efeito de peças e porções do social e do técnico. Além disso, se formas de colonialismo são estabelecidas e existem até hoje, significa que este é um processo dinâmico fluido e múltiplo e que precisa ser explicado ao invés de ser assumido como existindo de forma clara, precisa e não problemática.

## Considerações Finais

Neste artigo, procuramos abordar os principais aspectos da TAR, apresentando-a como uma possibilidade para o desenvolvimento de pesquisas organizacionais no Brasil. Ela procura atravessar as dicotomias que a sociologia tradicional estabelece entre o Social e o Natural, encarando a realidade como efeito de redes de materiais heterogêneos e não como algo tido como certo. Isto significa dizer que nada é fixo e irreversível, mas que as entidades somente existem enquanto tais nas relações que estabelecem com outras.

Ao invés de privilegiar macro ou micro análises, agência ou estrutura, humanos ou não-humanos, a idéia é iniciar a análise sem noções pré-estabelecidas nos processos construtivos. A TAR pode contribuir com os estudos organizacionais, fundamentalmente, por não considerar organizações como entidades relativamente estáveis que possuem fronteiras claras, mas sim como o arranjo de redes heterogêneas que estão em constante processo de alteração, mudança e estabelecimento. Dessa forma, as organizações passam a ser vistas como resultados parciais que precisam ser explicados de maneira empírica, destacando que ao invés de estudar pessoas e estruturas sociais nas organizações, é fundamental compreendê-las como um conjunto de eventos e processos que não seguem, necessariamente, nenhuma lógica comum. Aliás, a TAR nos relembra da necessidade de se realizar pesquisas qualitativas em profundidade.

Essa perspectiva pode contribuir nos debates sobre a questão do centro/periferia, tão em voga nos estudos organizacionais brasileiros. Mais do que a mera afirmação da existência da nossa condição periférica, tal abordagem aponta para a necessidade da condução de investigações empíricas que possam compreender como centro e periferia são gerados pelas redes de relações e práticas localizadas em contextos únicos e específicos, pois são produzidas cotidianamente em práticas específicas. Assim, avaliamos que seria produtivo o desenvolvimento de pesquisas que pudessem, *in loco*, descrever como ocorre o processo de construção das redes responsáveis pelo estabelecimento e estabilização daquilo que conhecemos como periferia, dado que ela só existe dentro da relação com o centro, e seu significado enquanto tal é o resultado da reunião conjunta de uma série de elementos humanos e não-humanos. Além disso, seria de particular interesse analisar como, em outros tipos de situações empíricas, outros centros e periferias são estabelecidos com o intuito de fazer com que a condição de centro e periferia sejam problematizadas e questionadas. A investigação de organizações tradicionalmente brasileiras, como as escolas de samba, também pode representar um ponto de partida interessante para se entender um formato organizacional, cujas fronteiras não são claramente identificadas, uma vez que se confundem com a própria comunidade da qual fazem parte. Vale destacar, ainda, que as práticas organizativas das escolas de samba representam um modo específico de trabalho, com significativo potencial de servir como fonte de inspiração para a (re)organização de práticas e processos em outros formatos organizacionais. Outro aspecto que pode ser destacado como possibilidade de análise é a constituição do espaço organizacional e como ele é construído e constrói localizações [ver LATOUR (1997), para um detalhamento de como esta perspectiva tende a tratar a questão do espaço].

A TAR oferece a possibilidade de analisar organizações como complexas e instáveis, sem assumir como certo a existência de fronteiras claras, permitindo focar no constante processo de organizar. Para essa teoria, estruturas

organizacionais nunca são idênticas, e cada uma é (re)construída constantemente em contextos locais e específicos. Com isso, pode-se questionar a idéia da homogeneização de configurações organizacionais. Além disso, a inclusão dos não-humanos, como elementos constituintes do processo organizativo é, particularmente, importante, uma vez que as organizações e os contextos nos quais se inserem são formados tanto pelo social quanto pelo técnico, ou seja, os humanos não são os únicos participantes ativos do ambiente organizacional. Relatórios de receitas e despesas, *softwares* aplicativos, gerentes, subordinados, produtos comercializados, todos agem conjuntamente para formar e dar estabilidade temporária para aquilo que chamamos de organização.

No Brasil, o desenvolvimento de trabalhos dessa natureza ainda é incipiente. Acreditamos que tal abordagem possa ser extremamente fértil para investigações na nossa área, uma vez que retoma o objeto de pesquisa "organização" de maneira diferenciada e coloca em foco as práticas organizativas.

## Referências

- ALCADIPANI, R.; TURETA, C. Teoria ator-rede e estudos críticos em administração: possibilidades de um diálogo. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v.7, n.3, set., 2009.
- AMSTERDAMSKA, O. Surely you are joking, Monsieur Latour! *Science, Technology, & Human Values*, [S.l.], v. 15, n. 4, 1990.
- ANDRADE, J. A. Redes de atores: uma nova forma de gestão das políticas públicas no Brasil? In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, Brasília. *Anais...* Brasília: ANPAD, 2005. 1 CD ROM.
- APPADURAI, A (Org.). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: EdUFF, 2008.
- BIJKER, W. E. *Of bicycles, bakelites, and bulbs: toward a theory of sociotechnical change*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1995.
- BLASS, L. M. da S. *Desfile na avenida, trabalho na escola de samba: a dupla face do carnaval*. São Paulo: Annablume, 2007.
- BLOOMFIELD, B. P.; VURDUBAKIS, T. The outer limits: monsters, actor networks and the writing of displacement. *Organization*, Leicester, UK, v.6, n.4, p.625-648, 1999.
- BRASS, D. et. al. Relationship and unethical behavior: a social network perspective. *Academy of Management Review*, Ada,Ohio, v.3, n.1, 1998.
- BROWN, S.; CAPDEVILA, R. Perpetuum mobile: substance, force and the sociology of translation. In: LAW, J; HASSARD, J. *Actor network theory and after*. Oxford: Blackwell, 1999.
- BUTTON, G. The curious case of the vanishing technology. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). *Technology in working order: studies of work, interaction and technology*. London: Routledge, 1993.
- CALÁS, M.; SMIRCICH, L. Past postmodernism? Reflection and tentative directions. *Academy of Management Review*, Ada,Ohio, v.24, n.4, p.649-671, 1999.
- CALDAS, M. P. Santo de casa não faz milagre: condicionantes nacionais e implicações organizacionais da fixação brasileira pela figura do estrangeiro. In: PRES- TES MOTTA, F.; CALDAS, M. P. (Org.). *Cultura organizacional e cultura brasileira*. São Paulo: Atlas, 1997, p.73-93.
- \_\_\_\_\_; ALCADIPANI, R. Americanização e pós-colonialismo: a gênese da referência norte-americana na cultura e gestão no Brasil. In: CHANLAT, J.F; FACHIN, R.; FISCHER, T. (Org.). *Análise das organizações: perspectivas latinas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

CALLON, M. Some elements of a sociology of translation: demystifications of the scallops and the fishermen of St. Brieuc Bay. In: LAW, J. (Ed.) *Power, action, and belief: a new sociology of knowledge?* London: Routledge and Kegan Paul, 1986.

\_\_\_\_\_. Society in the making: the study of technology as a tool for social analysis. In: BIJKER, W.; HUGHES, T.; PINCH, T. *The social construction of technological systems: new directions in the sociology and history of technology.* London: MIT Press, 1987.

\_\_\_\_\_; LATOUR, B. Unscrewing the big leviathan: how actors macrostructure reality and how sociologists help them do so. In: KNORR-CETINA, K.; CICOURCEL, A.V. (Ed.) *Toward an integration of micro and macro sociologies.* London: Routledge and Kegan Paul, 1981.

\_\_\_\_\_; LAW, J. Agency and the hydrid collectif. *The South Atlantic Quarterly*, London, v.94, n.2, p 481-507, 1995.

CARVALHO, C. A.; GOULART, S.; AMANTINO-DE-ANDRADE, J. Internacionalização subordinada. É possível subverter as regras do jogo! In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, Brasília. *Anais...* Brasília: ANPAD, 2005. 1 CD ROM.

CASTREE, N. False antitheses? Marxism, nature and actor-networks. *Antipode* 34, [S.l.], n.1, 2002.

CAVALCANTI, M. L. V. de C. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CLEGG, S. *Frameworks of power.* London: Sage, 1989.

COLLINS, H. M.; YEARLEY, S. Epistemological chicken. In: PICKERING, A. *A science as practice and culture.* Chicago: University of Chicago Press, 1992. p.396-389.

COOPER, R.; BURRELL, G. Modernism, postmodernism and organization analysis: an introduction. *Organization Studies*, [S.l.], v.9, n.1, 1988.

CZARNIAWSKA, B. *Narrating the organization: dramas of institutional identity.* Chicago: The University of Chicago Press, 1997.

\_\_\_\_\_. Book review: reassembling the social – an introduction to actor-network theory. *Organization Studies*, [S.l.], v.27, p.1553-1557, 2006.

DE LAET; MOL. The Zimbabwe Bush Pump: machines of a fluid technology. *Social Studies of Science*, [S.l.], v.30, n.2, p.225-263, 1998.

EDGE, D. The social shaping of technology. In: HEAP, E.; THOMAS, R.; EINON, G.; MACKAY, H. *Information technology and society. A reader.* London: The Open University/Sage, 1994.

FOURNIER, V.; GREY, C. At the critical moment: conditions and prospects for critical management studies. *Human Relation*, [S.l.], v.53, n.1, p.7-32, 2000.

GARAVAN, T. et al. Actors in the HRD process. *International Studies of Management & Organization*, [S.l.], v.28 n.1, 1998.

GOLDWASSER, M. J. *O palácio do samba: estudo antropológico da escola de samba Primeira de Mangueira.* Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GRINT, K.; WOOLGAR, S. The theories of technology. In: GRINT, K.; WOOLGAR, S. *The machines at work.* Cambridge: Polity Press, 1997.

HASSARD, J.; PARKER, M. (Ed.). *Postmodernism and organizations.* London: Sage, 1993.

IBARRA-COLADO, E. Organization studies and epistemic coloniality in Latin America: thinking otherness from the margins. *Organization*, Leicester, UK, v.13, n.4, 2006.

- KOCH, C. Building coalition in an Era of Technological Change. *Journal of Organizational Change Management*, [S.l.], v.13, n.3, 2000.
- LATOUR, B.; WOOLGAR, S. *Laboratory life: the social construction of scientific facts*. Beverly Hills. London: Sage, 1979.
- \_\_\_\_\_. The powers of association. In: LAW, J. *Power, action and belief: a new sociology of knowledge?* London: Routledge and Kegan Paul 32, 1986. p.264-280.
- \_\_\_\_\_. *Science in action*. Milton Keynes, UK: Open University, 1987.
- \_\_\_\_\_. Technology is society made more durable. In: LAW, J. (Ed.). *A sociology of monsters: essays on power, technology and domination*. London: Routledge, 1991.
- \_\_\_\_\_. Where are the missing masses? The sociology of a few mundane artifacts. In: BIJKER, W.; LAW, J. *Shaping technology/building society: studies in sociotechnical Change*. London: MIT Press, 1992.
- \_\_\_\_\_. Trains of thought - Piaget, formalism and the fifth dimension. *Common Knowledge*, [S.l.], v.6, n.3, p.170-191, 1997.
- \_\_\_\_\_. On recalling ANT. In: LAW, J.; HASSARD, J. *Actor network theory and after*. Oxford: Blackwell Publishers, 1999a.
- \_\_\_\_\_. *Pandora's hope: essays on the reality of science studies*. Cambridge: Harvard University Press, 1999b.
- \_\_\_\_\_. *Reassembling the social: an introduction to actor-network theory*. New York: Oxford University Press, 2005.
- LAW, J. On the methods of long distance control: vessels, navigation and the Portuguese rout to India. In: \_\_\_\_\_. *Power action and believe: a new sociology of knowledge?* Heley: Routledge, 1986 (Sociological review monograph, 32).
- \_\_\_\_\_. Technology and heterogeneous engineering: the case of the Portuguese expansion. In: BIJKER, W.; HUGHES, T.; PINCH, T. *The social construction of technological systems: new directions in the sociology and history of technology*. London: MIT Press, 1987.
- \_\_\_\_\_. Introduction: monsters, machines and sociotechnical relations. In: \_\_\_\_\_. *Sociology of monsters: essays on power, technology and domination*. London: Routledge, 1991.
- \_\_\_\_\_. Notes on the theory of the actor network: ordering, strategy and heterogeneity. *Centre for Science Studies*, Lancaster, UK: University Lancaster LA1 4YN, 1992. Disponível em: <<http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Notes-on-ANT.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2005.
- \_\_\_\_\_. *Organizing modernity*. Oxford: Blackwell, 1994.
- \_\_\_\_\_. The manager and his powers. *Centre for Science Studies*, Lancaster, UK: University, Lancaster LA1 4YN, UK, 1997. Disponível em: <<http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Manager-and-his-Powers.pdf>>. Acesso em: 22/ nov. 2005.
- \_\_\_\_\_. After ANT: complexity, naming and topology. In: \_\_\_\_\_.; HASSARD, J. *Actor network theory and after*. Oxford: Blackwell Publishers, 1999.
- \_\_\_\_\_. Objects, spaces and others. *Centre for Science Studies*. Lancaster, UK: University, Lancaster LA1 4YN, UK, 2000. Disponível em: <<http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Objects-Spaces-Others.pdf>> . Acesso em: 22 nov. 2005.
- \_\_\_\_\_. Objects and spaces. *Theory, culture & society*, [S.l.], v.19, n.5/6, 2002.
- \_\_\_\_\_. *After method: mess in social science research*. Londres: Routledge, 2004.

\_\_\_\_\_; CALLON, M. The life and the death of an aircraft: a network analysis of technical change. In: BIJKER, W.; LAW, J. *Shaping technology/building society: studies in sociotechnical change*. London: MIT Press, 1992.

\_\_\_\_\_; MOSER, I. Managing, subjectivities and desires. *Centre for Science Studies*. Lancaster, UK: University, Lancaster LA1 4YN, UK, 1999. Disponível em: < <http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Moser-Managing-Subjectivities-desires.pdf>. >

LEE, N.; HASSARD, J. Organization unbound: actor-network theory, research strategy and institutional flexibility. *Organization*, Leicester, UK, v.6, n.3, 1999.

LOWE, A. Accounting information systems as knowledge-objects: some effects of objectualization. *Management, Accounting Research*, [S.l.], v.12, p.75-100, 2001.

MACKENZIE, D.; WACJMAN, J. Introduction. In: \_\_\_\_\_. *The social shaping of technology*. Philadelphia: Open University Press, 1999.

MCLEAN, C ; QUATTRONE, P. On theorizing the object: insights from Gabriel Tarde. In: GABRIEL TARDE: ECONOMY, PSYCHOLOGY AND INVENTION CONFERENCE, London, may, 2006.

MICHAEL, M. *Constructing identities: the social, the nonhuman and change*. London: Sage Publications, 1996.

\_\_\_\_\_. Co(a)gency and the car: attributing agency in the case of 'road rage'. In: BRENNAN, B.; LAW, J.; MOSER, I. *Machines, agency and desire*. Oslo: TVM, 1998. p.125-41,

MISOCZKY, M. C. Sobre o centro, a crítica e a busca da liberdade na práxis acadêmica. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v.4, n.3, out., 2006.

MOL, A. Ontological politics. A word and some questions. In: LAW, J; HASSARD, J (Ed.) *Actor network theory and after*. Oxford: Blackwell Publishers, 1999.

\_\_\_\_\_. *The body multiple: ontology in medical practice*. Durham, NC: Duke University Press. 2002.

\_\_\_\_\_; LAW, J. Complexities: an introduction. In: LAW, J; MOL, A. (Ed.) *Complexities: social studies of knowledge practices*. London: Duke University, 2002.

PAIVA, E. N. *A FNM e a indústria automotiva no Brasil: uma análise antitética do ponto de vista da teoria ator-rede*. 2004. Tese (Doutorado em Engenharia de Sistemas e Computação)- COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

PARKER, M. Judgement day: cyborganization, humanism and postmodern ethics. *Organization*, Leicester, UK, v.5, n.4, 1998.

PINCH, T.; BIJKER, W. The social construction of facts and artifacts: or how the sociology of science and the sociology of technology might benefit each other. *Social Studies of Sciences*, [S.l.], v.14, 1984.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. The social constructions of facts and artifacts: or how the sociology of science and the sociology of technology might benefit each other. In: BIJKER, W. E.; HUGHES, T. P.; PINCH, T. (Ed.) *The social construction of technological systems: new directions in the sociology and history of technology*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1987.

POELL, R. et al. Learning-network theory. *Management Learning*, [S.l.], v.31, n.1, 2000.

PRESTES MOTTA, F. C; BRESLER, R. B.; ALCADIPANI, R. A valorização do estrangeiro como segregação nas organizações. *Revista Contemporânea de Administração*, Curitiba, Edição Especial, p.59-79, 2001.

REED, M. I. In praise of duality and dualism: rethinking agency and structure in organizational analysis. *Organization Studies*, [S.l.], v.18, n.1, 1997.

SANTOS, H. M. Alinhamento estratégico entre negócio e tecnologia de informação e *actor-network theory*: o que esperar de um possível encontro? In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, Brasília, 2005. *Anais...* Brasília: ANPAD, 2005. 1 CD ROM.

STAR, S. L. Power, technologies and the phenomenology of conventions: on being allergic to onions. In: LAW, J. (Ed.) *A sociology of monsters? Essays on power, technology and domination*. London: Routledge, 1991. (Sociological review monograph,38).

TURETA, C.; ROSA, A. R.; SANTOS, L. L. da S. Estratégia como prática social e *actor-network theory*: uma possível conversa para o estudo da estratégia. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, Salvador, 2006. *Anais...* Salvador, ANPAD, 2006. 1 CD ROM.

VALENÇA, R. T. *Carnaval: para tudo se acabar na quarta-feira*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

VIEIRA, M. M. F. Editorial. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v.4, n.3, out., 2006.

\_\_\_\_\_; CALDAS, M. P. Teoria crítica e pós-modernismo: principais alternativas à hegemonia funcionalista. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, FGV/EAESP, v.46, n.1, p.59-70, 2006.

WILLIAMS, R.; EDGE, D. The social shaping of technology. In: DUTTON, W. *Information and communication technologies: visions and realities*. Oxford Press, 1996.

**Artigo recebido em 16/04/2008.**

**Artigo aprovado, na sua versão final, em 13/10/2009.**